

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 15
Número 1
Junho 2026

A GLOSSOLALIA NO LIVRO DOS ATOS E A RELAÇÃO COM O BATISMO NO ESPÍRITO BREVES DIÁLOGOS COM A INTERPRETAÇÃO REFORMADO-PENTECOSTAL

Glossolalia in Acts and the relationship with Spirit Baptism Brief dialogues with the Reformed-Pentecostal interpretation

Me. Luciano Azambuja Betim¹

RESUMO

Este artigo retoma a temática da glossolalia ou falar em línguas em conexão com o debate sobre o batismo no Espírito. Os temas em questão ainda despertam interesse de muitos cristãos, principalmente nas comunidades de tradição pentecostal e neopentecostal. Mas há também um interesse – menos evidente, entre os cristãos nas igrejas protestantes históricas, entre elas a igreja luterana, presbiteriana, metodista, anglicana, congregacional e outras. Propomos apresentar uma pesquisa bibliográfica interagindo com textos de autores situados no protestantismo histórico, mais especificamente em autores que fazem parte da tradição reformada presbiteriana (igrejas calvinistas). Em ambas as fontes utilizadas optamos por utilizar, além dos autores citados, documentos oficiais, entre eles confissões, catecismos e cartas pastorais. Procuramos fazer um diálogo o pensamento pneumatológico das igrejas oriundas do movimento pentecostal, com destaque para as Assembleias de Deus. Os resultados indicam que, na perspectiva protestante histórica o batismo no Espírito ocorre na conversão, sem a necessidade do falar em línguas. Por outro lado, na perspectiva pentecostal, o batismo no Espírito é visto como um evento pós-conversão, tendo o falar em línguas como evidência inicial.

Palavras-chave: Batismo no Espírito. Espírito Santo. Glossolalia. Línguas.

¹ Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Mestre em Teologia pela PUCPR; Pós-graduado em Estudos Teológicos (Dogmática Reformada), pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (Universidade Presbiteriana Mackenzie); Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada, pela Faculdade Batista do Paraná - FABAPAR (2015-2017); Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná - FEPAR (2010-2015). E-mail: lucianobetim@outlook.com.br

ABSTRACT

This article takes up the theme of glossolalia or speaking in tongues in connection with the debate on baptism in the Spirit. The themes in question still arouse the interest of many Christians, especially in communities with a Pentecostal and neo-Pentecostal tradition. But there is also an interest – less evident, among Christians in historic Protestant churches, including the Lutheran, Presbyterian, Methodist, Anglican, Congregational churches and others. We propose to present a bibliographical research interacting with texts from authors located in historical Protestantism, more specifically authors who are part of the Presbyterian Reformed tradition (Calvinist churches). In both sources used, we chose to use, in addition to the authors cited, official documents, including confessions, catechisms and pastoral letters. We seek to dialogue the pneumatological thinking of churches originating from the Pentecostal movement, with emphasis on the Assemblies of God. The results indicate that, from the historical Protestant perspective, baptism in the Spirit occurs at conversion, without the need to speak in tongues. On the other hand, from the Pentecostal perspective, baptism in the Spirit is seen as a post-conversion event, with speaking in tongues as the initial evidence.

Keywords: Baptism in the Spirit. Holy Spirit. Glossolalia. Languages.

INTRODUÇÃO

Este artigo retoma a temática da glossolalia ou falar em línguas em conexão com o batismo no Espírito, temas que despertam o interesse de muitos cristãos, principalmente nas comunidades situadas no movimento pentecostal e carismático.² Com menor intensidade, há também um interesse sobre a glossolalia e o batismo no Espírito até mesmo nas igrejas tradicionais.³ A partir dos anos 60 ocorreram movimentos de renovação nas igrejas históricas – presbiterianas, luteranas, batistas, metodistas e anglicanas.

Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, interagindo com textos de autores situados no protestantismo histórico em diálogo com outros no movimento pentecostal. Para o movimento pentecostal – representado pelas Assembleias de Deus – o batismo no Espírito é um evento distinto da conversão. Por outro lado, no protestantismo histórico, o batismo no Espírito ocorre na conversão, sem a necessidade do falar em línguas. Permanece em aberto a possibilidade da ocorrência da glossolalia como um dom do Espírito, conforme aparece na segunda Carta aos Coríntios, mas sem relação com o batismo no Espírito.

Em relação as fontes utilizadas, propomos apresentar uma pesquisa bibliográfica interagindo com textos de autores situados no protestantismo histórico. Focamos em autores que fazem parte tradição reformada presbiteriana (igrejas calvinistas). Prezamos, em ambas as fontes utilizadas dialogar com os autores de cada tradição e em documentos oficiais das igrejas em questão (confissões, catecismos e cartas pastorais).

O artigo está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo abordamos a vinda do Espírito no Dia de Pentecostes em conexão com a manifestação do falar em línguas. No segundo capítulo o derramamento do Espírito e das línguas em Atos 10, na família de Cornélio. No terceiro capítulo a manifestação do Espírito e da glossolalia em Atos 19, com os discípulos de Éfeso. No capítulo quatro o desenvolvimento da pneumatologia no movimento pentecostal e renovações posteriores. No capítulo seis abordamos a relação do batismo com o Espírito e a relação com a glossolalia.

² Entre as principais igrejas pentecostais estão as Assembleias de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular.

³ As igrejas tradicionais são aquelas herdeiras da reforma protestante, entre elas a Igreja Luterana, Igreja Presbiteriana, Batista e outras.

1. A MANIFESTAÇÃO GLOSSOLÁLICA NO DIA DE PENTECOSTES

A narrativa evento ocorrido no Pentecostes encontra-se em Atos 2.1-13. A ocorrência do fenômeno das línguas aparece mais especificamente nos versículos 4 e 8: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava [...]. Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna?” Pentecostes, conforme a definição de Foster, significa quinquagésimo dia após o sábado da semana da páscoa, e que é também uma referência a festa da colheita e primeiros frutos.⁴

O sentido bíblico-teológico é, que a partir desse evento, o Espírito Santo passa a habitar no coração de todos os salvos, unindo-os em um único corpo.⁵ Esse é um dos eventos chave do NT, onde inicia-se a era da igreja cristã. Segundo Yougblood:

No dia de Pentecostes os discípulos de Cristo ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas [...] Por causa da festa, Jerusalém estava repleta de pessoas vindas de diversas províncias romanas, representando uma grande diversidade de línguas [...] Algumas pessoas acham que o milagre tenha ocorrido nos ouvintes, e não nos falantes.⁶

A narrativa bíblica revela alguns eventos extraordinários, entre eles o som de um vento forte, a forma das labaredas de fogo sobre os discípulos, o enchimento do Espírito e o fenômeno das línguas. O termo grego para línguas nessa ocorrência é *glossa* (γλῶσσα). O sentido ou significado dessas línguas tem sido motivo discussão nos círculos teológicos.

Do ponto de vista exegético, glossa aponta para três sentidos básicos: “1. O órgão físico “língua” é o primeiro significado. 2. Temos então “fala” ou “maneira de falar” ou “linguagem”. 3. “Uma expressão daquilo que é estranho ou obscuro e carece de explicação” é um terceiro sentido”.⁷ O mesmo termo ocorre em outras partes do livro de Atos (capítulos 10 e 19) e na segunda Epístola aos Coríntios (12-13). Um resumo geral é oferecido por J. I. Behm:

Falar em línguas (1Co 12-14; cf. Mc 16.17; At 2.4) é um dom (1Co 14.2). Essa fala é primeiramente para Deus (14.2,28) na forma de oração, louvor e ações de graças (14.2, 14-17). Seu benefício é para o indivíduo e não para a comunidade (14.4ss.). Nele a nós é absorvida de modo que as palavras são obscurecidas (14.2,9,11,15-16). Uma vez que os sons não são articulados, cria-se a impressão de uma língua estrangeira (14.7-8, 10-11), e seu uso incontrollado pode sugerir que a comunidade esteja formada por um povo louco (14.23,27). Ainda assim as línguas são um sinal do poder de Deus (14.22). Para que elas sejam uteis é necessário que aquele que fala ou outra pessoa interprete as palavras (14.5,13,27-28; 12.10,30). Seus paralelos podem ser encontrado em outras religiões, Paulo destaca uma diferença no conteúdo religioso (1Co 12.2-3). Ele pode, portanto, aceitar e até mesmo afirmar que seja um charisma (1Co 14.18,39), mas que seja sujeito ao propósito da edificação, ordem, limitação e ao teste (1Co 14.26ss.).⁸

Do ponto de vista histórico, o Dia de Pentecostes é, de certo modo, o inverso do evento ocorrido na torre de Babel, episódio esse relatado em Gênesis 11.1-9. Em Babel ocorreu uma confusão, de modo que não havia mais entendimento entre as pessoas devido. O fenômeno das línguas no Pentecostes revela exatamente o contrário, como pondera Kistemaker:

O Espírito Santo une os crentes de várias partes do mundo, falando a eles de forma miraculosa na linguagem da fé. Ele torna possível para os ouvintes vencerem a confusão linguística de Babel (Gn 11.1-9) quando os chama a responderem ao evangelho em arrependimento e fé (v.38). Enquanto os incrédulos zombam do milagre do Pentecostes, três mil crentes se arrependem, são batizados e se unem à igreja (v.41).⁹

⁴ FOSTER, Lewis. Atos dos Apóstolos. In: BAKER, Kenneth (Org). **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003, p. 1851.

⁵ GRAHAM, Billy. **O poder do Espírito Santo**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 65-66.

⁶ YOUNGBLOOD, Ronald. Atos. In: BAKER, Kenneth (Org). **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003, p. 862.

⁷ BEHM, Johannes. Glóssa. In: GERHARD, Kittel. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, vol. 1, p. 135.

⁸ BEHM, 2013, p. 136.

⁹ KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, vol. 1, p. 113.

A natureza exata dessas línguas tem sido determinada por alguns como “línguas humanas, desconhecida dos que as falavam, mas compreensíveis aos que as ouviam”.¹⁰ A festa de Pentecostes e a presença dos estrangeiros favorece fortemente a ideia de tratar-se de “[...] idiomas conhecidos, compreendidos pelos estrangeiros que estavam em Jerusalém.”¹¹ A interpretação de que eram idiomas ou dialetos dos peregrinos ali presentes é a que mais faz jus a narrativa.

2. A EXPERIÊNCIA GLOSSOLÁLICA DOS GENTIOS NA CASA DE CORNÉLIO

Uma outra ocorrência do fenômeno das línguas está registra décimo do livro de Atos, evento ocorrido em torno do ano 37 d.C. A perícopes relata a pregação de Pedro, no lar de um gentio chamada Cornélio, juntamente com seus familiares. Após o sermão de Pedro, abordando elementos como a morte e a ressurreição de Jesus, ocorre uma efusão do Espírito. Os versículos chave são:

Enquanto Pedro ainda estava falando estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem. Os judeus convertidos que vieram com Pedro ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado até sobre os gentios, pois os ouviam falando em línguas e exaltando a Deus. A seguir Pedro disse: Pode alguém negar a água, impedindo que estes sejam batizados? Eles receberam o Espírito Santo como nós! (At 10.44-48).

Conforme a passagem acima, o recebimento do Espírito Santo na casa de Cornélio, ocorreu antes mesmo de Pedro concluir seu sermão. De acordo com Kistemaker, a descida do Espírito sobre os gentios, indica que eles também fazer parte da igreja de Deus, formada agora por Judeus e gentios.¹² Um fato interessante é que nesse caso o Espírito Santo veio sobre eles mesmo antes do batismo com água (v.57). Ocorre mais uma vez o fenômeno das línguas. Kistemaker observa que Lucas não se preocupa em explicar a natureza dessas línguas, mas apenas registra o fato.¹³ Ryrie entende que “A autenticidade do dom foi corroborada pela glossolalia (falar em línguas, v.46) [...]”.¹⁴

De fato, a palavra grega para “línguas” utilizada por Lucas nessa narrativa, é a mesma encontrada em Atos 2.4. O relato de Pedro em Atos 11.15, leva a conclusão de que a natureza das línguas foi a mesma do evento Pentecostes, ou seja, idiomas terrenos. A ocorrência do recebimento do Espírito Santo pelos gentios, tem sido denominado de o Pentecoste gentílico, isto é, uma correspondência ao Pentecostes Judaico, demonstrando, assim, a ação do Espírito é internacional, incluindo judeus e gentios.

3. A EXPERIÊNCIA GLOSSOLÁLICA DOS DISCÍPULOS DE JOÃO EM ÉFESO

A terceira referência às línguas no livro de Atos, acha-se registrada no capítulo 19.1-6. Provavelmente esse evento ocorreu na terceira viagem missionário do Apostolo Paulo, mais especificamente entre os anos 53 e 57 d.C.; onde algumas pessoas haviam recebido o batismo de João.

Paulo inicia o diálogo com esses discípulos com uma pergunta sobre recebimento do Espírito (v.1). Há certa dúvida se de fato esses discípulos eram convertidos, haja vista que nem mesmo sabiam da existência do Espírito Santo: “Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?” Eles responderam: “Não, nem sequer ouvimos que existe o Espírito Santo”. Possivelmente era um grupo que havia experimentado a mensagem o batismo de João, mas não o batismo cristão.

De acordo com Kistemaker:

A vinda do Espírito Santo sobre os discípulos em Éfeso se compara com as experiências dos apóstolos em Jerusalém (2.11) e dos gentios na Cesaréia (10.44-46). Os discípulos em Éfeso

¹⁰ RYRIE, Charles Caldwell. *Bíblia de Estudo Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 1051.

¹¹ GRAHAM, 1995, p. 164.

¹² KISTEMAKER, 2003, vol. 1, p. 524.

¹³ KISTEMAKER, 2003, vol. 1, p. 525.

¹⁴ RYRIE, 2007, p. 1063.

começaram a falar em línguas e a profetizar. Em Jerusalém, os apóstolos falaram outras (ou seja, conhecidas) línguas e declararam as maravilhas que Deus realizara; em Cesaréia, os gentios se expressaram em línguas e louvaram a Deus; em Éfeso, os discípulos falaram em línguas e profetizaram. A palavra profecia nesse contexto transmite a ideia de glorificar o nome de Deus e testemunhar de Jesus.¹⁵

O recebimento do Espírito Santo nesse episódio, ocorre por meio do gesto da imposição de mãos do Apóstolo Paulo. O resultado acarretou o fenômeno do falar em línguas, acompanhado do carisma da profecia. Novamente a palavra utilizada por Lucas ao descrever o fato é *glossa*, ou seja, um idioma. Graham é da opinião de que eles falaram idiomas humanas, algum dialeto de algum povo, embora o texto não mencione se os moradores locais a entenderam.¹⁶

4. O ESPÍRITO SANTO NO PENTECOSTALISMO E SEUS DESENVOLVIMENTOS

No início do século vinte ocorreu o chamado movimento pentecostal de primeira onda. De acordo com Ollenweger, “Charles Fox Parham (1873-1929) foi o primeiro a formular a doutrina que associa o falar em línguas ao batismo do Espírito, comum à maioria dos pentecostais”.¹⁷ Outros evangelistas se beneficiaram dos ensinamentos de Parham. O pentecostalismo “[...] nasceu em 1906, na confluência entre a espiritualidade afro-americana e elementos da espiritualidade católica e metodista (através do movimento de Santidade americano).¹⁸ Mais tarde o pentecostalismo se espalhou por todo os EUA e por diversas partes do mundo, principalmente no Terceiro Mundo:

Estudos sociológicos de David Martin indicam que 1) O rápido crescimento do pentecostalismo nos países do Terceiro Mundo, sobretudo na América Latina, foi impulsionado por fatores locais, e não por iniciativa ou influência dos Estados Unidos; 2) há significativas diferenças nas expressões que o pentecostalismo assume na América Latina, na Ásia e na África; 3) na América Latina, a fé pentecostal se expandiu mais rápido entre os mais marginalizados; 4) essas situações e essas culturas tão diferentes apresentam, porém, um tom comum, que pode ser reconhecido como pentecostal.¹⁹

A força do pentecostalismo é nítida na América Latina, África e Ásia. Hollenweger aponta que “atualmente, as correntes pentecostais carismáticas continuam a se expandir por todo o mundo, enquanto os meios independentes das grandes denominações pentecostais experimentam o índice de crescimento mais alto”.²⁰ O pentecostalismo não ficou restrito às denominações próprias e comunidades independentes. A partir dos anos sessenta, movimentos de renovação atingiram as igrejas do protestantismo histórico. Até mesmo a Igreja Católica foi impactada por meio da Renovação carismática.

É pertinente a observação de que, a ação do Espírito não é propriedade do movimento pentecostal e neopentecostal

As orações ao Espírito Santo baseiam-se todas no pedido pela vinda do Espírito. Isso é algo singular, chamado na tradição cristã de epiclese do Espírito [...]. Santo visa a sua presença abrangente. O Espírito é mais que uma dádiva de Deus, entre outras. O Espírito Santo é a presença irrestrita de Deus, na qual nossa vida desperta, em que é integralmente vivificada e dotada das forças da vida”.²¹

O pentecostalismo enfatiza a necessidade do batismo ou enchimento do Espírito Santo. Segundo Willaime, esse enchimento é visa “ser plenamente santificado e dar testemunho”.²² Por isso a insistência

¹⁵ KISTEMAKER, 2003, vol. 2, p. 246-247.

¹⁶ GRAHAM, 1995, p. 165.

¹⁷ HOLLENWEGER, Walter I. Pentecostalismo. In: GISEL, Peirre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p.1358.

¹⁸ HOLLENWEGER, 2016, p. 1358.

¹⁹ HOLLENWEGER, 2016, p. 1359.

²⁰ HOLLENWEGER, 2016, p. 1359.

²¹ MOLTSMANN, Jürgen. **A fonte da vida: o Espírito e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 19-20.

²² WILLAIME, Jean-Paul. Movimento carismático. In: GISEL, Peirre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016,

pentecostal em ser batizado no Espírito Santo. O Batismo no Espírito é a porta aberta “que permite também a experiência dos dons espirituais (carismas) mencionados em 1Coríntios 12: glossolalia, dom de línguas, dom de profecia, dom de interpretação, dom de curas”.²³ Há uma ênfase no meio pentecostal na busca dos carismas de sinais: profecias, línguas, milagres e curas.

5. A RELAÇÃO ENTRE AS LÍNGUAS E O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Um dos aspectos mais importantes da obra do Espírito Santo, é o tema do batismo no Espírito e o falar em línguas. Uma definição de batismo no Espírito é feita por Ryrie, no sentido de que é a atividade do Espírito Santo que une o cristão ao corpo de Cristo no momento da conversão.²⁴ Essa é também a perspectiva de Graham: “Durante anos estudando a Bíblia, cheguei à conclusão de que só há um batismo com o Espírito Santo durante a vida de cada crente, e que ocorre no momento da conversão”.²⁵

Com o advento do Pentecostalismo²⁶, veio à tona o debate sobre o batismo no Espírito Santo. De acordo com a teologia Pentecostal, o batismo no Espírito Santo e o falar em línguas, deve ser a norma padrão para todos os cristãos.²⁷ Dois grandes teólogos pentecostais escrevem, Menzies e Horton, escrevem: “Todos os filhos de Deus têm o direito a, e deveriam ardentemente esperar e intensamente buscar, a promessa do Pai, que é o batismo e no fogo. Esta experiência era comum a todos os crentes na igreja primitiva [...]”.²⁸ Os autores enfatizam ainda o ponto o falar em línguas como ênfase: “A evidência inicial e física do batismo no Espírito e no fogo, é o falar noutras línguas, conforme o Espírito de Deus conceder”.²⁹

Essa perspectiva Pentecostal clássica aparece claramente na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*:

Os discípulos de Jesus já estavam com seus nomes escritos no livro da vida quando receberam o batismo no Espírito Santo: “Mas não vos alegréis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos, antes, por estar o vosso nome escrito nos céus” (Lc 10.20). Eles já estavam purificados pela Palavra no dia de Pentecostes: “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15.3). Quando o Consolador desceu sobre os discípulos no dia de Pentecostes, eles já tinham o Espírito Santo. Jesus disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20.22). Na experiência da salvação, o Espírito Santo passa a habitar no novo crente. Todos os crentes em Jesus já têm o Espírito Santo, pois Ele mesmo é quem conduz o pecador a Cristo. O batismo no Espírito Santo é algo distinto do novo nascimento; significa o recebimento de poder espiritual para realizar a obra da expansão do Evangelho em todo o mundo, para uma vida cristã vitoriosa e também uma adoração mais profunda.³⁰

Esse não têm sido é posicionamento histórico no protestantismo. Em carta pastoral, a Igreja Presbiteriana do Brasil segue a perspectiva histórica ou tradicional:

A Escritura ensina que a experiência normal do Batismo com o Espírito Santo coincide com a regeneração-conversão, e que são selados por este mesmo Espírito todos os que creem genuinamente em Cristo Jesus [...] Após o Pentecostes, nas cartas escritas pelos Apóstolos às comunidades, os crentes são reconhecidos como já tendo sido batizados com o Espírito [...] Em nenhum lugar ela encoraja os que já são crentes, quer por preceito, que por exemplo.³¹

A Epístola a Igreja de Éfeso lança luz sobre o batismo ou selo do Espírito: “Nele, quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados com o Espírito

p. 285.

²³ WILLAIME, 2016, p. 285.

²⁴ RYRIE, 2007, p. 624.

²⁵ GRAHAM, 1995, p. 62.

²⁶ As igrejas pentecostais mais conhecidas são as Assembleias de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular.

²⁷ SYNAN, Vinson. Pentecostalismo. In: ELWELL, Walter (Org). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*: em 1 volume. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 131.

²⁸ MENZIES, Willian; HORTON, Stanley M. *Doutrinas Bíblicas*: uma perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 280.

²⁹ MENZIES; HORTON, 1995, p. 280.

³⁰ *DECLARAÇÃO de Fé das assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.166.

³¹ IGREJA Presbiteriana do Brasil. *O Espírito Santo hoje*: dom de línguas e profecia. São Paulo: Cultura Cristã, 1996, p. 4-5.

Santo da promessa” (Ef 2.13, NVI). O Espírito da promessa, é uma referência as palavras de Pedro (At 2.38), de que todos os que crescem receberiam o batismo no Espírito.

Do mesmo modo, em 1 Coríntios 12.13: “Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito”. O texto indica que o batismo no Espírito não é para somente uma classe privilegiada, mas para todos os salvos. A ideia de dois grupos de cristão – um batizado no Espírito e outro não, não encontra fundamentação bíblico-teológica.

Nesse sentido, conforme o entendimento tradicional, não há a necessidade de uma busca pelo Batismo no Espírito. Diz Hoekema, teólogo reformado: “Você não precisa buscar um batismo no Espírito Santo, como uma experiência pós-conversão [...] você já foi batizado com o Espírito Santo”.³² Essa é também a opinião de Bubeck:

O Espírito Santo Batiza o todo crente no momento em que ser converte e entra para o corpo de Cristo, que compreende todos os crentes verdadeiros [...]. É um tremendo alívio compreender claramente que não há necessidade de eu buscar, gemer, lutar para ser batizado pelo Espírito, Essa obra do Espírito Santo, une-nos ao Senhor Jesus e aos demais crentes logo que cremos.³³

Como já observamos, há evidência do Batismo no Espírito, conforme o entendimento Pentecostal, é o falar em línguas. Entretanto, nas narrativas de Atos (2.41; 4.8; 7.55; 8.38-39; 9.18), nem sempre a manifestação do Espírito seguiu-se do falar em línguas. São Paulo pergunta (1Co 12.30): “Falam todos em línguas? Todos interpretam?” A resposta parece ser negativa. O texto indica que no meio do povo de Deus há diferentes dons diferentes, e ninguém tem ou terá obrigatoriamente os mesmos carismas específicos.

Retomando o tema em Atos, não há padrão entre ser cheio do Espírito o falar em línguas:

Será que o livro de Atos ensina que o batismo com o Espírito Santo resulta em glossolália? A resposta é não [...] numerosas pessoas foram batizadas e não falaram em línguas: os três mil crentes em Jerusalém no dia de Pentecostes (2.41); o oficial etíope (8.38,39); Paulo em Damasco (9.18); Lídia e sua casa (16.15); e o carcereiro filipense e sua família (16.33). Terceiro, muitas pessoas que creram foram cheias do Espírito Santo, mas não falaram em línguas: Pedro perante o Sinédrio (4.8); Estevão se dirigindo ao Sinédrio (7.55); e Paulo confrontando Elimas (13.9).³⁴

No contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil, por meio de Carta Pastoral, há certas orientações sobre como as igrejas locais devem tratar do falar em línguas:

Os concílios e igrejas locais devem receber com amor e paciência os pastores e membros das igrejas Presbiterianas que professam ter sido batizados com o Espírito Santo, numa experiência distinta da conversão, e devem pastoreá-los e instruí-los na Escritura e na doutrina Reformada, para que sejam corrigidos quanto a este modo de crer, e para que demonstrem o fruto do Espírito, que é o sinal inequívoco de toda atuação verdadeira do Espírito.³⁵

Assim sendo, a Igreja Presbiteriana do Brasil procura tratar do assunto de forma pastoral. Embora o entendimento bíblico-teológico do presbiterianismo caminhe no sentido de entender que o batismo no Espírito ocorre na regeneração e sem a necessidade do falar em línguas, a Igreja Presbiteriana está ciente de que as experiências dos fiéis em suas comunidades possam caminhar em outra direção. Nesse caso, há a orientação para que os membros sejam ensinados sobre a perspectiva oficial da denominação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo retoma a temática da glossolalia ou falar em línguas em conexão com o batismo no Espírito. Como foi observado na introdução, trata-se de objetos de estudo que despertam o interesse de

³² HOKEMA, Anthony. **Salvos pela graça**: a doutrina bíblica da salvação. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p. 55.

³³ BUBECK, Mark. **Vencer o adversário**. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 70.

³⁴ KISTEMAKER, 2003, vol. 1, p. 248.

³⁵ IGREJA Presbiteriana do Brasil, 1996, p. 22.

muitos cristãos, principalmente nas comunidades situadas no movimento pentecostal e carismático. Mas há, também, com menor intensidade, um interesse sobre a glossolalia e o batismo no Espírito até mesmo nas igrejas do protestantismo histórico.

A pesquisa foi de natureza bibliográfica. Interagimos com textos de autores situados no protestantismo histórico em diálogo com outros no movimento pentecostal. Os resultados indicaram que para a perspectiva protestante tradicional o batismo no Espírito ocorre na conversão. É um evento relacionado com a regeneração. Para o protestantismo histórico, não há a necessidade do falar em línguas. Por outro lado, na perspectiva pentecostal, trata-se de um evento pós-conversão, com o falar em línguas como evidência inicial.

O autor deste texto está comprometido com a perspectiva pneumatológica tradicional protestante. Entretanto, apesar dos elementos de divergências destacados nos textos, há também elementos de convergências. Tanto cristãos tradicionais quanto pentecostais reconhecem a necessidade de um enchimento contínuo do Espírito Santo, como capacitação para a missão. A vida cristã em seus diversos estágios – conversão, santificação, capacitação com os carismas – necessita da operação contínua do Espírito. Tradicionais e pentecostais são dependentes da operação graciosa do Espírito.

REFERÊNCIAS

BEHM, Johannes. Glôssa. In: GERHARD, Kittel. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. Vol. 1.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida, 2000.

BUBECK, Mark. **Vencer o adversário**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

DECLARAÇÃO de Fé das assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

FOSTER, Lewis. Atos dos Apostolos. In: BAKER, Kenneth (Org.). **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003.

GRAHAM, Billy. **O poder do Espírito Santo**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HOKEMA, Anthony. **Salvos pela graça: a doutrina bíblica da salvação**. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

HOLLENWEGGER, Walter I. Pentecostalismo. In: GISEL, Peirre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 1358-1359.

IGREJA Presbiteriana do Brasil. **O Espírito Santo hoje: dom de línguas e profecia**. São Paulo: Cultura Cristã, 1996.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. Vol. 1 e 2.

MENZIES, Willian; HORTON, Stanley M. **Doutrinas Bíblicas: uma perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida: o Espírito e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.

RYRIE, Charles Caldwell. **Bíblia de Estudo Anotada**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

SYNAN, Vinson. Pentecostalismo. In: ELWELL, Walter (Org.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã: em 1 volume**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

WILLAIME, Jean-Paul. Movimento carismático. In: GISEL, Peirre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 285-286.

YOUNGBLOOD, Ronald. Atos. In: BAKER, Kenneth (Org). **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional